

João-Francisco Duarte Junior

O QUE É REALIDADE

"O homem cognoscente é simplesmente o guarda da realidade."

(W. Lulipen)

editora brasiliense

"CAI NA REAL"

"Quem compreende que o mundo e a verdade sobre o mundo são radicalmente humanos, está preparado para conhecer que não existe um mundo-ideal, mas muitos mundos humanos, de acordo com as atitudes ou pontos de vista do sujeito existente."

(W. Lulipen)

A expressão que dá nome a este capítulo introdutório é uma das tantas que diariamente surgem no uso coloquial da linguagem e que podem ou não se incorporar ao acervo de uma língua. "Cai na real" é uma gíria brasileira recente, significando um apelo para que nosso interlocutor deixe de sonhar ou de fazer planos mirabolantes e utópicos e volte à realidade, volte a ter "os pés no chão". Interessante esta visão espacial da questão: o

sonho, a ilusão, o erro, estão nas alturas; a realidade, no solo. Quando se trata de abandonar o irreal, de voltar-se ao mundo sólido e concreto, calmos na realidade, colocamos os pés no chão. O real é o terreno firme que pisamos em nosso cotidiano.

Realidade. Todos usamos rotineiramente esta palavra nos mais diferentes contextos e áreas de atuação e, no entanto, quase nunca paramos para pensar em seu significado, no que encerram estas suas nove letras. E não paramos porque, assim à primeira vista, o conceito nos parece tão óbvio que consideramos desnecessário qualquer questionamento a seu respeito. Todavia, segundo uma asserção que já se tornou popular, o óbvio é o mais difícil de ser percebido. Aliás, a este respeito, já dizia um antigo professor que se o homem vivesse no fundo do mar provavelmente a última coisa que ele descobriria seria a água.

Muitas ciências — especialmente as chamadas ciências humanas — trabalham com o conceito realidade, incorporando-o ao seu jargão característico. Na psicologia e ciências afins (psicanálise, psiquiatria) talvez seja onde o emprego da palavra é maior e mais decisivo e, paradoxalmente, onde o seu significado é menos pensado e questionado. Estudantes e profissionais da psicologia quase sempre embatucam quando se lhes propõe que expliquem o termo realidade que empregam em suas falas e dissertações. Em geral tais pessoas

descartam a questão por considerá-la “óbvia demais”, ou então respondem com frases feitas empregadas pelo senso comum, como: “realidade é como o mundo é”, ou “realidade é aquilo como as coisas são”. Expressões que não dizem nada nem esclarecem qualquer dúvida, pois, afinal, como é que o mundo é? Como as coisas são? E elas serão sempre de uma mesma forma ou podem variar, de acordo com a maneira como são olhadas e apreendidas?

Tomese um quadro a óleo, por exemplo. Nela se vê uma paisagem composta por algumas plantas em primeiro plano, uma árvore florida cercada por um gramado em segundo plano e tendo ao fundo o horizonte tingido aqui e ali por fiapos de nuvens esgarçadas. Com certeza nos tomariam por loucos se dissessemos que nele, plantas, árvore, gramado e nuvens são reais. As plantas do quadro não possuem a mesma qualidade de existência daquelas que vivem ali no jardim e, no entanto, existem, ainda que de maneira diferente. Certamente poder-se-ia dizer que as plantas do jardim são reais, e aquelas do quadro uma representação deste real.

Mas isto não resolve a questão, pois o quadro apresenta também um segundo “nível” de realidade: é composto de tintas, tela e madeiras, elementos que podem ser trabalhados de diversas maneiras, criando-se uma realidade pictórica ou não. Em outras palavras: existe uma realidade do quadro que capto com a minha sensibilidade

e emoção, e outra captada de maneira mais "física", digamos assim. O quadro para o espectador é diferente do quadro para o carregador de mobílias, e diferente ainda para o cientista que o submete ao raio X e a outros processos a fim de comprovar se ele, na realidade, foi pintado no século XVIII. Diferentes maneiras de se apreender o mesmo objeto: em cada uma delas o quadro possui uma realidade diversa.

Ou ainda a árvore florida, que serviu de modelo ao pintor. Enquanto este a captava em termos de forma, cores, luz e sombras, o jardineiro que cuidava do campo viu nela a possibilidade de um abrigo contra a inclemência do sol e sentou-se à sua sombra para descansar. E ambos a percebiam de maneira diferente do agrônomo que, neste instante, sugeria ao dono das terras que a árvore não fosse cortada, a fim de se preservar um certo equilíbrio ecológico no local.

Mais ao fundo dessa paisagem corre um regato de águas claras. Para a lavadeira que ali lava as suas roupas a água tem um sentido diverso de que para o caminhante que vê nela a chance de matar a sua sede. E o jardineiro, que a ela ocorreu quando tratou de apagar um incêndio que irrompia no mato seco, nesse momento a percebia de forma diferente do menino que toda tarde se dirige ao regato para pescar alguns lambaris. E, inquirido, certamente um químico diria que a água daquele regato nada mais é do que H_2O , ou seja, uma

substância cujas moléculas são compostas de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio.

De acordo com estes exemplos nota-se que, na verdade, talvez não devêssemos falar de realidade, e sim de realidades, no plural. O mundo se apresenta com uma nova face cada vez que mudamos a nossa perspectiva sobre ele. Conforma a nossa intenção ele se revela de um jeito. Em linguagem filosófica dir-se-ia que as coisas adquirem estatutos distintos segundo as diferentes maneiras da intencionalidade humana. Segundo as diferentes formas de a consciência se postar frente aos objetos. A água, para os sujeitos acima, apresenta realidades diversas, que são ainda diferentes da realidade da água para o desportista que nela vence um campeonato de natação ou para o incauto que nela se aventura e quase se afoga por não saber nadar.

Note também que nestes exemplos foram considerados apenas elementos do chamado "mundo físico": água, nuvens, árvore, plantas, etc. Quando se trata de fatos humanos, culturais e sociais, a coisa cresce em complexidade. Qual a realidade de uma greve? De um golpe militar? De ensino pago? De eleições diretas ou indiretas? De uma paixão que leva a escrever poemas e à embriaguez, quando não correspondida? Qual a realidade dos modos de vida de nossos antepassados das cavernas, que inferimos a partir de uma série de indícios geológicos e antropológicos? Sem

dúvida, aqui os pontos de vista se multiplicam, aumentando, consequentemente, o número de possibilidades de o real se apresentar.

Realidade, portanto, é um conceito extremamente complexo, que merece reflexões filosóficas aprofundadas. Afinal, toda construção humana, seja na ciência, na arte, na filosofia ou na religião, trabalham com o real, ou têm nele o seu fundamento ou ponto de partida (e de chegada). Melhor dizendo, trata-se, em última análise, de se questionar o sentido da vida humana, vida que, dotada de uma consciência reflexiva, *construiu* seus conceitos de realidade, a partir dos quais se exerce no mundo e se multiplica, alterando a cada momento a face do planeta.

No parágrafo anterior, o grifo no verbo "construir" tem a sua razão de ser. Será fundamental compreender-se que a realidade não é algo dado, que está aí se oferecendo aos olhos humanos; olhos que simplesmente a registrariam feito um espelho ou câmara fotográfica. O homem não é um ser passivo, que apenas grava aquilo que se apresenta aos seus sentidos. Pelo contrário: o homem é o construtor do mundo, o edificador da realidade. Esta é construída, forjada no encontro incessante entre os sujeitos humanos e o mundo onde vivem.

Contudo, o paradoxo mais gritante é que, sendo o homem o construtor da realidade, em sua vida cotidiana ele não se percebe assim. Muito pelo contrário: percebe-se como estando submetido à

realidade, como sendo conduzido por forças (naturais ou sociais) sobre as quais ele não tem e não pode ter controle algum. Feito o monstro do dr. Frankenstein, a criatura volta-se contra o seu criador.

Mas como, você poderá perguntar nesta altura do capítulo (onde se pretende apenas introduzir a problemática do tema): quer dizer que a natureza, as forças físicas, são criadas pelo homem? Não, eu lhe respondo, pedindo-lhe também que tenha paciência e acompanhe a evolução do raciocínio nos capítulos subsequentes. As forças naturais não são criadas pelo ser humano, mas a maneira de percebê-las, de interpretá-las e de estabelecer relações com elas, sim. Pensemos num exemplo extremo: o peixe que vive no rio percebe-o de maneira radicalmente distinta do pescador que mora em sua margem. Só o homem pode pensar no rio, tomá-lo como objeto de seu raciocínio e interpretação. A realidade do rio, construída no mundo humano, tão somente se apresenta assim para o homem. Qual seria a realidade do rio para um habitante de outra galáxia que nos visstasse? Não se pode saber.

Já que estamos falando em água, retornemos ao regato citado nas páginas anteriores. Foram descritas ali as várias "realidades" da água, os vários sentidos que ela adquire, de acordo com a intencionalidade dos homens que com ela se relacionam. Foi apontado então que, para um cientista (o

químico), a água é uma substância formada de hidrogênio e oxigênio. Nós, habitantes do mundo moderno e com algum grau de informação, tendemos a acreditar que na realidade a água é aquilo que diz ser a ciência. E o cientista quem teria as chaves com que se abrem as portas da realidade última das coisas. A realidade da água é ser ela formada por hidrogênio e oxigênio ligados na proporção de dois para um.

Ora, esta é uma crença perigosa, que coloca nas mãos da ciência o poder supremo de decidir acerca da realidade do mundo e da vida. Para o pescador, pouco se lhe dá se a água é formada destes ou daqueles elementos, nesta ou naquela proporção. Seus conhecimentos a respeito do rio são de outra ordem, sua realidade é construída de forma diversa, e sobre esta realidade ele atua a fim de manter a sua subsistência.

Aliás, as águas com as quais entramos em contato no nosso cotidiano são sempre refrescantes ou geladas, sujas ou limpas, turbulentas ou placidas, convidativas ou ameaçadoras, nunca uma substância formada por tais e tais elementos químicos. A realidade desvelada pela ciência é uma "realidade de segunda ordem", ou seja, construída sobre as relações do dia-a-dia que o homem mantém com o mundo. Antes de a química afirmar a composição da água, triângos e triângos de seres humanos já haviam se relacionado com ela, percebido e atuado sobre a sua "realidade".

Toda esta discussão mostra que, contigua à questão da realidade coloca-se outra: a da verdade. Estes dois conceitos caminham juntos e, de certa forma, discutir um implica discutir o outro. Não me alongarei neste ponto agora, deixando-o para as páginas finais. Por ora basta notar-se que, de par com os "níveis" de realidade, caminham também os "níveis" de verdade. Não há por que se considerar as verdades científicas como sendo mais "verdadeiras" (ou mais seguras) do que as verdades estéticas ou filosóficas, por exemplo. Cada uma delas apresenta o seu grau de valor no seu contexto específico. Tentando compará-las estamos, como se diz, misturando estações.

Concluindo: a questão da realidade (e da verdade) passa pela compreensão das diferentes maneiras de o homem se relacionar com o mundo. Ciência, filosofia, arte e religião são quatro formas marcantes e especiais de esse relacionamento se dar. Todavia, em nosso cotidiano, a atitude filosófica, a científica, a artística ou a religiosa são espécies de parenteses que abrimos em nossa forma usual, rotineira, de vivermos a vida e cuidarmos de nossa sobrevivência. De certa maneira, a realidade da vida cotidiana se impõe a nós com todo o seu peso. Ali, a água não é H_2O , nem o arrocho salarial uma exploração de mais-valia — verdades pertinentes à esfera da ciência e da filosofia.

A realidade da vida cotidiana é, se se pode dizer assim, a realidade por excelência, na qual nos

movemos como o peixe na água. Será ela, portanto, que ocupará as nossas reflexões nos capítulos seguintes, citando-se aqui e ali, estes outros modos especiais de construção da realidade ("realidade de segunda ordem", como chamamos anteriormente). Apenas um último capítulo foi reservado para se tratar das realidades e verdades construídas pela ciência, por ter ela, nos dias que correm, um papel preponderante nos destinos do planeta (não nos esqueçamos da ameaça nuclear que paira sobre as nossas cabeças).
Vamos, pois, "cair na real".

“NO PRINCÍPIO ERA A PALAVRA”

“Não há sentido sem palavras nem mundo sem linguagem”

(W. Lütgen)

“As palavras, na linguagem, é que são primitivas frente às coisas.”

(M. Heidegger)

Nas páginas anteriores foi dito que o homem é o construtor da realidade, o construtor do mundo. Que, ao contrário do peixe, por exemplo, apenas o ser humano pode tornar o rio como um objeto de seu pensamento, reflexão e projeto. Somente o homem pode dispor de uma certa “distância” com relação ao mundo, interpretando-o e dando-lhe sentidos diversos. E preciso agora explicar mais

claramente tais afirmações, já que elas são básicas para que se entenda o que é a realidade forjada pela espécie humana em sua existência, existência esta radicalmente diferente de todas as outras formas de vida que habitam o planeta.

O que funda esta diferença, o que torna o homem humano é, básica e decisivamente, a palavra, a linguagem. A consciência humana é uma consciência reflexiva porque ela pode se voltar sobre si mesma, isto é, o homem pode pensar em si próprio, tomar-se como objeto de sua reflexão. E isto só é possível graças à linguagem: sistema simbólico pelo qual se representa as coisas do mundo, pelo qual este mundo é ordenado e recebe significação.

Através da palavra o homem pôde "desprender-se" de seu meio ambiente imediato, tomando consciência de espaços não acessíveis aos seus sentidos. Ou seja: a palavra traz-me à consciência regiões não alcançáveis pelos meus sentidos aqui e agora. Quando digo "Japão", por exemplo, torno-me consciente de uma região do planeta que no momento me é inacessível, que não pode ser vista nem tocada por mim. O animal não pode fazer isto: está irremediavelmente preso, aderido aos seus sentidos. A consciência animal não vai além daquilo que seus órgãos dos sentidos trazem até ele. O animal está indissolivelmente ligado ao aqui.

Por isso se diz que o animal possui um meio

ambiente, enquanto o homem vive no mundo. Só pela palavra podemos ter consciência, encerrar em nossa mente a totalidade do espaço no qual vivemos: o planeta Terra. A vida animal, ao contrário, está sempre e apenas ligada ao espaço que existe em sua volta, o seu meio ambiente.

Pela palavra o homem criou também o tempo, ou a consciência dele. Posso pensar no meu passado, e não só no meu passado, mas no de toda a espécie humana: com a palavra encontro e crio significações para aquilo que vivi ontem, anteontem, ou para aquilo que outros homens viveram três séculos atrás. Com a palavra posso ainda planejar o meu futuro, com ela sei que existe um tempo que virá, um tempo que ainda não é. Já o animal, não: está preso não apenas ao aqui, mas também ao agora. O animal vive num presente imutável, eterno, fixo; sua vida é tão somente uma sucessão de instantes: não há projetos para o futuro nem interpretações do passado.

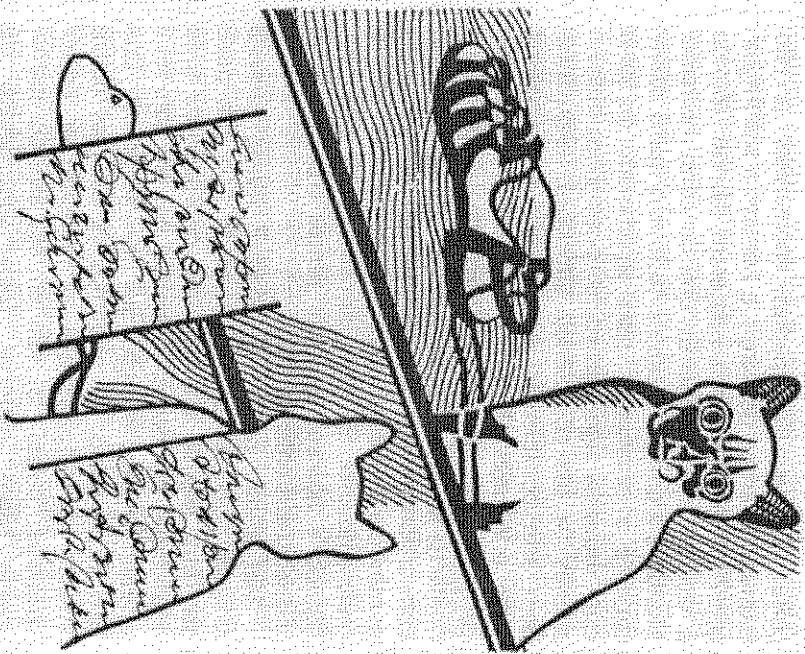
Esta é a radical diferença entre homem e animal: o meio simbólico criado pela linguagem humana, linguagem que capacita o homem a profetizar o seu "eu". Sim, pois não estamos aderidos ao nosso corpo como o animal ao dele. O animal é o seu corpo, corpo através do qual está ancorado ao aqui e agora. O homem tem um corpo, ou seja, pode "descolar-se" dele e tomá-lo como objeto de suas reflexões. Somos mais que nosso corpo: somos

também a consciência deste corpo, que sabemos finito. Neste sentido é que, em linguagem filosófica, se fala da transcendência humana: o homem transcende, vai além da imediatividade do aqui e agora em que está o seu corpo.

Vivemos assim, não apenas num universo físico, mas fundamentalmente simbólico. Um universo criado pelos significados que a palavra empresta ao mundo. Há que se mencionar aqui, rapidamente, a questão do suicídio, já que o homem é o único ser que, deliberadamente, pode por fim à própria vida. O suicídio é o exemplo mais extremo de como este universo de significações construído pelo ser humano chega a ser-lhe mais importante que a dimensão meramente física da vida. Muitas vezes seu corpo está em perigosas condições, mas o homem se mata. E se mata porque a vida deixou de fazer sentido, perdeu a sua coerência simbólica: não há mais valores ou significados sustentando a existência.

Existência. Esta, a palavra chave. As coisas e os animais são, enquanto o homem existe. Existência é justamente a vida (biológica) mas o seu sentido. Sentido que advém da linguagem, instauradora do humano, que advém da palavra, criadora da consciência reflexiva e do mundo. "No princípio era a Palavra" (João, 1.1), diz o texto bíblico. Pela palavra se faz o mundo. Somente com a palavra surge isto a que chamamos mundo.

"Um momento" — poderiam objetar — "as



a ordenação deste aglomerado de seres numa estrutura significativo, só é possível ao homem através de sua consciência simbólica, linguística.

coisas, arvores, rios, pedras, montanhas já não estavam aí antes de surgir o homem e sua linguagem?" Sim, mas ainda não eram mundo. Mundo é apenas e tão somente um conceito humano. Mundo é a compreensão de tudo isto numa totalidade, e a ordenação deste aglomerado de seres num esquema significativo, só possível ao homem através de sua consciência simbólica, linguística. Sem esta consciência, sem alguém que dissesse "isto é o mundo", tudo continuaria apenas um conglomerado de coisas. O mundo — que é um conceito essencialmente humano — apenas surge com o homem e para o homem. Animais e vegetais continuam presos neste aglomerado chamado meio ambiente. Só o ser humano habita o mundo. Mundo e homem surgiram juntos e permanecem indissoluvelmente ligados.

Mas afinal, o que é mundo? Numas formula simples podemos afirmar: mundo é o que pode ser dito. Mundo é o conjunto ordenado de tudo aquilo que tem nome. As coisas existem para mim através da denominação que lhes empresto. Que isto fique claro: só podemos pensar nas coisas através das palavras que as representam, entendendo-se "coisas" aí não em seu sentido estritamente físico, material. Idéias, sentimentos (os "substantivos abstratos"), existem para mim, tornam-se objetos de meu refletir, pelos seus nomes. Amor, justiça, fraternidade, raiva, demonstração são conceitos que fazem parte do meu

mundo porque criados e reconhecidos por meio da palavra.

Definitivamente: o que existe para o homem tem um nome. Aquilo que não tem nome não existe, não pode ser pensado. Uma pequena observação é pertinente que se faça aqui: algumas "coisas", alguns conceitos existem para nós sem serem especificamente nomeados pela linguagem, mas vêm à luz através de outros sistemas simbólicos criados pelo ser humano. A linguagem é o sistema fundamental e primordial de criação e significação do mundo, mas além dela foram desenvolvidos outros, como o da matemática, da química, das artes, etc.

Dadas estas colocações podemos começar a perceber que, além de se falar em mundo como um dado genérico, também é lícito falar-se em mundo, significando o acervo de conceitos e conhecimentos que cada indivíduo possui. Ou seja: quanto mais palavras conheço, quanto mais conceitos posso articular, maior é o meu mundo, maior é o alcance e amplitude de minha consciência. Tomemos por exemplo a palavra "zeugo". Se você, leitor, não sabe o que ela significa, a "coisa" que ela designa está ausente de seu mundo, não faz parte daquilo em que você pode pensar. (Uma olhada no dicionário lhe dará o significado e ampliará o seu mundo. E, por favor, não fique irritado, feito ficou o editor: isto é só uma pequena brincadeira.) Não é por outro motivo que na famosa obra de

ficção 1984, de George Orwell, a ditadura implantada no país imaginário de Oceania gradativamente ia diminuindo o vocabulário permitido ao povo e registrado nos dicionários. Quanto menos palavras a população soubesse, menor a sua capacidade de raciocínio e menor a sua consciência de mundo. Há coisa de dez anos, aqui mesmo no Brasil, viveu-se uma censura tão ferrenha aos meios de comunicação que determinadas palavras e conceitos simplesmente não podiam mais aparecer. Certos aspectos da realidade não podiam ser expressos nem nomeados, sob pena de prisão e processos por atentado contra a "segurança nacional".

Na última frase do parágrafo anterior foi reintroduzida a palavra realidade. Depois de todo este raciocínio acerca do conceito de mundo podemos perceber que, se ele é ordenado e significado através da linguagem, consequentemente a realidade será também fundamentalmente estabelecida e mantida por ela. A partir da linguagem que um povo emprega (e também a partir de suas condições materiais, é claro), ele constrói a sua realidade. A construção da realidade passa pelo sistema linguístico empregado pela comunidade. A linguagem de um povo é o sistema que lhe permite organizar e interpretar a realidade, bem como coordenar as suas ações de modo coerente e integrado.

O que é o mito bíblico da construção da Torre de Babel sendo uma (anti)ilustração disto que está

sendo afirmado? Pelo castigo divino os homens que estavam construindo a torre começaram a falar línguas diferentes, o que lhes impossibilitou a comunicação e, consequentemente, a interpretação consensual do mundo e a conjugação da ação na qual estavam envolvidos. Assim, a torre (a realidade) tornou-se impossível de ser erigida.

Nossa percepção do mundo é, fundamentalmente, derivada da linguagem que empregamos. E esta linguagem está, dialeticamente, ligada às condições materiais de nossa existência, especialmente nas sociedades divididas em classes. Porém, o raciocínio aqui desenvolvido prende-se exclusivamente ao aspecto geral da questão, qual seja, a demonstração de que o sistema linguístico de que se vale um povo é condicionante de sua maneira de interpretar o mundo e de nele agir (construindo a sua realidade).

Nesta afirmação, de que a nossa percepção deriva-se da linguagem que utilizamos, o sentido do termo percepção vai além de seu significado mais geral de "compreensão". Envolve mesmo a percepção entendida como o produto de nossos órgãos dos sentidos. Visão, audição, olfação, gustação e tato são também "educados" culturalmente, o que vale dizer linguisticamente, por derivação. Com alguns exemplos isto se tornará mais claro.

Certa tribo africana possui, em seu vocabulário, em torno de cinquenta maneiras diferentes de se afirmar que "fulano vem (ou está) andando".

Cada uma dessas expressões descreve o jeito de a pessoa andar (balançando os braços, girando os quadris, etc.). Desde criança o indivíduo tem a sua visão, a sua percepção de movimentos, teinada, já que precisa empregar corretamente a expressão verbal correspondente aos modos de seus semelhantes andarem. Consequentemente, eles conseguem captar nuances e sutilezas do andar que nós não conseguimos, a não ser através de um esforço deliberado para tanto. A linguagem que empregam em seu cotidiano os obriga a desenvolver esta percepção específica.

Um outro exemplo deste condicionamento linguístico tem a ver com aquilo que a psicologia denomina "constâncias da percepção". Um prato sobre uma mesa sempre nos parecerá circular, independentemente do nosso ângulo de visão. Um avião nos céus nunca será visto como algo minúsculo. E uma maçã sempre nos parecerá vermelha, sejam quais forem as condições de iluminação. Estas são as constâncias da forma, do tamanho e da cor, respectivamente. Noteemos que, no primeiro caso, na verdade o prato chega aos nossos olhos como uma elipse (e não um círculo); no segundo o avião atinge as nossas retinas como um objeto de tamanho ínfimo, e no terceiro, pode ser que a maçã se apresente arroxeada, se iluminada por luzes azuis.

Todavia, nossos sentidos passaram por toda uma aprendizagem (estritamente ligada à linguagem)

e, ao vermos o prato, logo o conceito "circular" nos vem à mente; ao vermos o avião já sabemos que ele não pode ter o tamanho de uma caixa de fósforos, e ao conceito "maçã" imediatamente associa-se o conceito "vermelha". Quando aprendemos a desenhar e a pintar temos de nos treinar para suspendermos esta nossa linguagem conceitual, observando as coisas como elas chegam aos nossos olhos. O que os pintores chamados "primitivos", "ingênuos" ou *naïves* não fazem é justamente esta suspensão: pintam mais através dos conceitos. Pintam o prato numa forma circular, seja qual for a perspectiva considerada. "De repente os olhos são palavras", assinala o poeta Pablo Neruda.

O ser humano move-se, então, num mundo essencialmente simbólico, sendo os símbolos linguísticos os preponderantes e básicos na edificação deste mundo, na construção da realidade. Como afirmou o filósofo Ludwig Wittgenstein, "os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo". Ou seja: o mundo, para mim, circunscreve-se àquilo que pode ser captado por minha consciência, e minha consciência apreende as "coisas" através da linguagem que emprego e que ordena a minha realidade. Assim, o real será sempre um produto da dialética, do jogo existente entre a materialidade do mundo e o sistema de significação utilizado para organizá-lo.